

Exclusão digital

Eles não tiveram aula online: o que fazer com alunos sem acesso na pandemia?

Conheça sugestões para lidar com estudantes que não conseguiram acompanhar as aulas online, que estão com defasagem ou com diferentes níveis de aprendizagem no retorno ao presencial

Dimalice Nunes



Créditos: Duda Oliva/NOVA ESCOLA, Allen Taylor/Unsplash e Domenico Iola e Nicole Michalou/Pexels.

Pouco a pouco, os alunos estão voltando para o espaço da escola em 2021. Mas, com o fim da pandemia ainda distante no horizonte, as desigualdades educacionais avançam: nas escolas públicas, muitos estudantes não conseguiram acompanhar as aulas por dificuldades de acesso à Internet, ampliando a defasagem e o risco do abandono escolar e da evasão.

Segundo levantamento da Unicef, ainda em novembro de 2020, 3,7 milhões de estudantes matriculados não tiveram acesso às atividades escolares e não conseguiram estudar em casa. Em São Paulo, 667 mil estudantes de 6 a 17 anos ficaram sem estudar no ano passado: 9,2% das crianças e adolescentes em idade escolar no estado. **Outra pesquisa**, informa que 35% dos alunos com renda familiar de até 2 salários mínimos perdeu o interesse pela escola.

Leia também

Ações para combater a evasão escolar das meninas na pandemia

Recentemente, o Inep divulgou um levantamento a partir de um questionário respondido por mais de 168 mil escolas brasileiras. Os dados mostram que 84% dos estudantes usam o celular para estudar, mas 4 entre 10 precisam dividir o aparelho com outros membros da família, o que dificulta o acompanhamento. O estudo mostra, ainda, que 8% dos estudantes abandonaram a escola em 2021 por não terem acesso à internet.

O Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo (USP) e o Centro de Aprendizagem em Avaliação e Resultados da Fundação Getúlio Vargas (FGV) avaliaram a eficiência dos planos de educação remota de Estados e capitais. Os resultados, mensurados entre março e outubro de 2020, mostram um cenário ruim: a nota média dos planos estaduais no Índice de Educação à Distância foi de 2,38 (de 0 a 10) e de 1,6 para os das capitais. Embora os dados já tenham alguns meses, são os das pesquisas mais completas sobre o tema divulgadas até agora. Em São Paulo, o ensino híbrido foi retomado ainda no primeiro semestre deste ano, mas a realidade vivida pelos professores em sala de aula corroboram os indicadores.

Para Antônio Alexandre da Silva, professor do Instituto Singularidades, o foco neste momento deve ser a permanência do aluno na escola e tentar garantir a aprendizagem dos **conteúdos essenciais**.

Para contornar a situação, ele sugere que o professor organize um núcleo básico de conteúdos considerados essenciais para o ano da escolaridade e, posteriormente, pensar em ampliar essas habilidades e conteúdos. “O restante fica para planos de longo prazo. O que não se pode pensar é que é uma questão insolúvel”, afirma o educador. Antônio acredita, ainda, que as soluções não são imediatas ou gerais. “Vamos perceber que cada comunidade encontra um caminho para repor essa defasagem. Só não encontrará se o estudante não estiver na escola, por isso essa é prioridade”, defende.

NOVA ESCOLA conversou com dois educadores para ajudar os professores a superarem a maior barreira do retorno: a defasagem de aprendizado que veio do acesso precário ao ensino remoto. Confira as orientações de Renata Capovilla, cofundadora da Íntegra Educacional, e de Marcelo de Freitas Lopes, diretor pedagógico da Foreducation EdTech.

O aluno não acompanhou nenhuma atividade escolar e não voltou ao presencial.

O que fazer? A gestão da escola precisa agir diante de uma situação como essa. Procurar os responsáveis desse aluno, compreender quais são as dificuldades que foram enfrentadas e se há comorbidades que impedem o retorno do aluno. Nesse caso, a gestão poderá acionar o Conselho Tutelar da cidade e, em parceria, reverter o quadro de evasão escolar.

Ou seja, é necessária uma ação conjunta, promovendo campanhas e busca ativa em parceria com as famílias, da sociedade civil organizada, escolas e Secretarias de Educação. Os programas sociais também devem considerar a assiduidade dos alunos quando a volta ao presencial for segura e obrigatória.

O aluno acompanhou só parcialmente as atividades da escola e voltou ao presencial com defasagem.

O que fazer? É importante compreender o que o aluno já sabe, o que desenvolveu no período remoto e o que é essencial desenvolver para ir para o próximo ano. Para isso, uma ótima estratégia é utilizar os mapas de foco desenvolvidos pelo **Instituto Reúna**. Todas as habilidades são direitos garantidos aos estudantes, mas algumas são inegociáveis e precisam ser priorizadas. Nesse caso, o professor deve focar nessas e garantir o máximo possível do desenvolvimento das mesmas no tempo de aula até o final do ano letivo.

É necessário, ainda, fazer atividades diagnósticas, traçar novas metas e replanejar, priorizando competências, habilidades e conteúdos estruturantes. É importante continuar com investimentos em tecnologia para potencializar o trabalho dos professores, aumentar o tempo de estudo e tornar as

aulas mais interativas e dinâmicas.

Parte da turma aprendeu os conteúdos e outra não conseguiu acompanhar, além de tudo, a escola está fazendo rodízio de alunos.

O que fazer? Salas heterogêneas sempre foi uma realidade dos professores que, neste momento, está mais evidente. O Ensino Híbrido pode ser parte da solução, quando se considera a personalização da aprendizagem, mas será necessário investir mais em formações de professores e em tecnologias que considerem o ritmo e as dificuldades de cada aluno.

É hora de realmente colocar as metodologias ativas em prática e, na medida do possível, personalizar o ensino de acordo com a necessidade de cada estudante.

Para aquele que está com lacunas, preparar materiais para estudar em casa e depois sistematizar em classe, utilizando assim, a **sala de aula invertida**. É possível também planejar trocas de conhecimento e desenvolvimento de atividades onde os alunos sejam protagonistas de seus conhecimentos e demonstrem isso. A personalização do ensino e colocar o aluno no centro da aprendizagem utilizando metodologias ativas serão imprescindíveis para que os alunos com lacunas se aproximem o máximo possível dos demais.